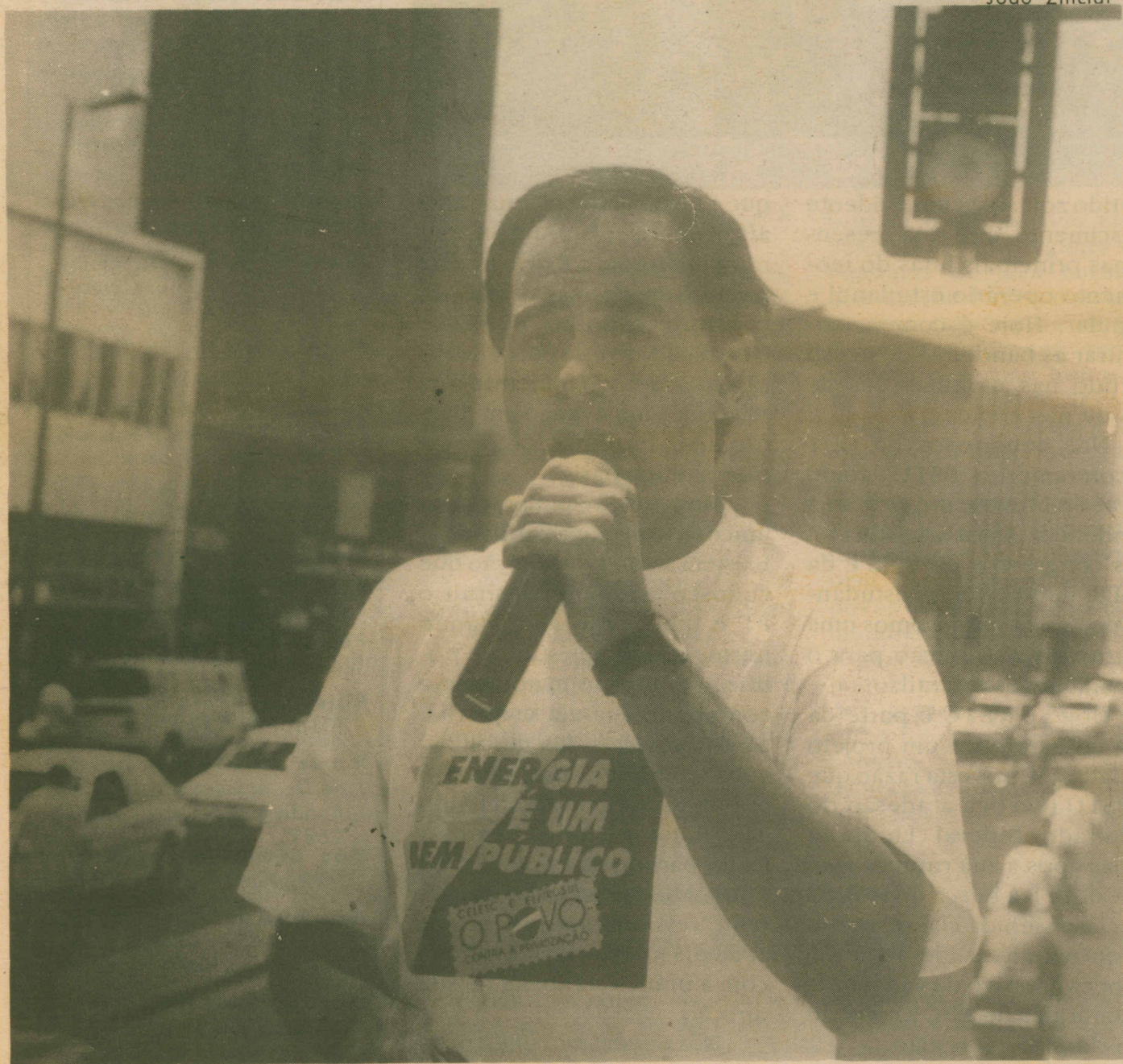
Ano III nº 52
9/4/98 a 22/4/98
Contribuição R$ 1,00

Opinião SOCIALISTA

PSTU

João Zinclar

José Maria de Almeida, operário metalúrgico, membro da direção da CUT e candidato do PSTU a presidente

lança candidato a PRESIDENTE

Um novo partido Um rumo socialista

Wladimir Souza

Nestas eleições um novo partido socialista, da classe trabalhadora vai apresentar um candidato a presidente. O **PSTU** tem a ousadia de lançar um candidato operário, metalúrgico, de esquerda, com um programa anticapitalista, na medida em que o PT apostou em uma frente com a burguesia, com um programa que está abandonando as reivindicações dos trabalhadores.

O **PSTU** reúne no seu interior parte da vanguarda sindical, estudantil e política que resistiu ao processo de adaptação do PT à institucionalidade burguesa, que não aceita o abandono do projeto socialista, que rechaça a adaptação aos limites do capitalismo.

O **PSTU** nasceu de um setor desta vanguarda que entendeu que era necessário construir um novo partido operário no país. Alguns milhares de militantes, de agrupamentos e ativistas de origens muito diferentes, a maioria oriunda do PT, decidiram formar um novo partido em junho de 1994. Centenas de participantes das lutas das duas décadas anteriores, junto com novos ativistas das lutas atuais, unificaram-se ao redor de um programa e um estatuto discutidos democraticamente

Nestes anos de existência, o **PSTU** demonstrou a que veio, firmando-se como o terceiro partido de esquerda. Um partido socialista em evidente crescimento, que está presente nas principais lutas do movimento operário estudantil e popular. Hoje é comum encontrar as bandeiras de nosso partido nas mobilizações de rua ou nas greves.

Nos congressos da CUT encontramos o **PSTU**, como parte do Movimento por uma Tendência Socialista (MTS). Nos congressos da UNE e da UBES, junto com os estudantes de Reviravolta, somos uma alternativa de direção para o movimento estudantil.

Hoje, o **PSTU** é parte da luta coerente por um projeto socialista. É por esta razão que o **PSTU** recebeu a adesão do deputado federal Lindberg Farias após a sua ruptura com o PCdoB. É a busca do resgate do classismo da classe operária que explica a adesão de um setor expressivo da vanguarda metalúrgica do ABC à construção do MTS na região.

Nós acreditamos que o novo não é a reedição das velhas práticas da social-democracia e do stalinismo de colaboração de classes. Nos orgulhamos de seguir defendendo o socialismo, a independência de classe, a democracia operária, a prioridade da ação direta do movimento de massas . Isto é que é verdadeiramente novo na esquerda e fundamental para o movimento operário.

A todos os companheiros que chegaram à conclusão de que é necessário construir uma alternativa revolucionária, rompendo com o PT e o PCdoB fazemos um chamado: Venham construir conosco o **PSTU!** Nosso partido está em construção e cada novo militante que se soma é um avanço em direção a um forte partido operário revolucionário.

Mas nós não somos os únicos revolucionários no país. Existem setores da geração que conosco ajudou a construir o PT e que segue acreditando neste partido, resistindo à política da direção majoritária e compondo sua ala esquerda. Novos ativistas das mobilizações operárias, estudantis e populares surgem acreditando no PT que continua sendo o maior partido da esquerda. No interior do PCdoB existem também revolucionários que a cada dia mais se desencantam com a prática stalinista de sua direção.

Nós acreditamos que a perspectiva futura é que estejamos juntos em um mesmo partido com estes setores revolucionários. Se não podemos hoje ser do mesmo partido, poderemos apostar neste sentido para o futuro pois com certeza esse será o caminho de todos aqueles que lutam pelo projeto socialista, pela defesa intransigente das reivindicações da nossa classe, pela independência política dos trabalhadores. Essa é a forma de lutarmos consequentemente contra o projeto neoliberal e o capitalismo.

Aqui você encontra o PSTU

Sede nacional: Rua Jorge Tibiriçá, 238 - Vila Mariana - São Paulo - tel (011) 549-9699 / 575-6093

Alagoinha (BA): Rua Anézio Cardoso - Ed Azi sala 105

Aracajú (SE): Av. Pedro Calazans, 491 sala 105

Belém (PA): Travessa 3 de Maio, 1807 - São Brás - tel (091) 249-1639

Belo Horizonte (MG): Rua Carijós, 121, sala 201

Brasília (DF): SDS Ed. CONIC - Sobreloja 21 - tel (061) 225-7373

Diadema (SP): Praça dos Cristais, 6 sala 3 - Centro

Duque de Caxias (RJ): Rua Nunes Alves 75 Sala 602

Florianópolis (SC): Av. Hercílio Luz, 820 - Centro

Fortaleza (CE): Av. da Universidade 2333 - Centro - tel (085) 221-3972

Goiânia (GO): (062) 225-6291

Macapá (AP): Av. Diogenes Silva - Buritizal

Maceió (AL): Rua Minas Gerais,197/2 - Poço

Manaus (AM): Rua Emílio Moreira 821 - Altos Centro - tel (092) 234-7093

Natal (RN): Av. Rio Branco 815 Centro

Ouro Preto (MG): Rua São José, 121 Ed. Andalécio sala 304 - Centro

Passo Fundo (RS): Rua Teixeira Soares, 2063

Porto Alegre (RS): Rua Borges de Medeiros, 549 4º andar - Centro

Recife (PE): Rua da Gloria, 472 - tel (081) 222-2549

Ribeirão Preto (SP): tel (016) 637-7242

Rio de Janeiro (RJ): Travessa Dr. Araújo, 45 - Pça da Bandeira - tel (021) 293-9689

São Bernardo do Campo (SP): Rua João Ramalho, 64

São José dos Campos (SP): Rua Mario Galvão, 189 - Centro - tel (012) 341-2845

São Leopoldo (RS): Rua São Caetano, 53

São Luís (MA): Rua Candido Ribeiro, 441 Sala 1 Centro - tel (098) 232-4683

São Paulo (SP): Rua Nicolau de Souza Queiroz 189 - Paraíso - tel (011) 572-5416

Terezina (PI): Rua Lizandro Nogueira, 1655 sala 02 - Centro

O endereço da nossa home page é: http://www.geocities.com/CapitolHill/3375

Nosso E-Mail é: PSTU@uol.com.br

EDITORIAL

Esquerda terá alternativa classista e socialista

O **PSTU** decidiu que apresentará uma candidatura operária e socialista à presidência da República. Uma candidatura a serviço da luta contra FHC, o projeto neoliberal, a burguesia e o FMI.

Lula, o nome mais representativo entre os trabalhadores brasileiros, deveria estar chamando a luta e uma aliança entre os trabalhadores da cidade, do campo e a juventude para derrotar FHC, o FMI, os banqueiros, os grandes empresários, os latifundiários. E deveria estar defendendo atacar sem piedade os lucros astronômicos desse punhado de ricaços para garantir emprego, salário, terra, educação e saúde públicas de qualidade.

Mas, Lula e o PT não quiseram unir os trabalhadores. Resolveram se aliar com gente que sempre foi inimiga dos trabalhadores, como Antônio Ermírio de Moraes, Brizola, Arraes, Quércia, Itamar, Requião e outros.

O preço da aliança com essa gente é o abandono das reivindicações dos trabalhadores e a defesa de um programa que capitula ao neoliberalismo. Por exemplo, não se propõe anular as privatizações.

Por isso o **PSTU** resolveu dar um passo a frente e lançar a candidatura de José Maria de Almeida, um operário metalúrgico, socialista, dirigente nacional da CUT, que é parte da luta que travamos nos últimos 20 anos para que os trabalhadores tenham como estratégia o projeto socialista, de ruptura com o Capital.

A candidatura do **PSTU** vem com o objetivo de afirmar uma alternativa e dar um canal de expressão, uma voz para toda a esquerda socialista que luta e está disposta a continuar lutando pelas bandeiras dos trabalhadores. Manter em pé essas bandeiras e levantar o projeto socialista não é um desafio só do **PSTU**, é uma tarefa de toda a esquerda que está na luta contra as Reformas, contra as privatizações, na luta pela terra, por moradia; é da juventude que está se mobilizando contra a destruição da Educação pública e a falta de perspectivas. É uma tarefa, inclusive, dos companheiros da esquerda do PT que estão em minoria neste partido.

Cleber Medeiros

Aliança com patrões é fria!

Se enganam os que pensam que toda aliança soma. Aliança com a burguesia diminui. Lula e a direção do PT acham que para ganhar votos vale tudo.

Mas não é possível acabar com o desemprego, as privatizações e derrotar o projeto neoliberal que aplica FHC, em aliança com Antônio Ermírio. Este empresário demitiu 23 mil trabalhadores, sendo que na Nitroquímica, uma de suas empresas, demitiu até líder sindical. Tentou abocanhar a Vale e acabou de "comprar" a CPFL, uma das estatais paulistas de energia elétrica. Não é possível fazer a Reforma Agrária em aliança com Brizola que é contra as ocupações de terra que faz o MST. Não é possível garantir educação e saúde públicas de qualidade, aliando-se com Arraes que, em Pernambuco, faz um governo igualzinho ao de FHC, Maluf ou Covas.

Aliança com essa gente divide e enfraquece a luta dos trabalhadores.

Chega de FHC

A candidatura do **PSTU** defende que é preciso dar um basta a FHC e ao projeto neoliberal. É preciso derrotar FHC e os 346 Nayas do Congresso, porque só os ricos ganham com o projeto neoliberal deles.

Os trabalhadores e a maioria do povo estão na pior. Um em cada 5 brasileiros está desempregado. Há 4,7 milhões de famílias sem-terra e 56 mil que estão acampadas em beira de estrada esperando um assentamento. E as chacinas e assassinatos contra os sem-terra se sucedem.

O salário está perdendo para a inflação. O funcionalismo está com o salário congelado há três anos.

A Saúde e a Educação estão sendo destruídas. As tarifas de água e luz, com as privatizações estão disparando. Só a Light, aumentou a conta de luz em 11,8% em 1997. Enquanto isso, o patrimônio público está sendo todo entregue à grandes monopólios privados; os banqueiros internacionais seguem sugando bilhões do que o país produz através dos juros, dividendos e parcelas da dívida externa pagos a eles pelo governo.

O **PSTU** defende que o Brasil tem que romper com o FMI e com os banqueiros internacionais. A candidatura do **PSTU** defenderá que os ricos é que devem pagar pela crise. Que os banqueiros, os latifundiários e os grandes empresários, como Antônio Ermírio de Moraes, têm quer perder para que os trabalhadores possam ter emprego, terra, salário digno, saúde, educação e moradia.

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. CGC 73282.907/000-64
Atividade principal 61.81.
Endereço: Rua Jorge Tibiriçá, 238 - bairro Saúde
São Paulo-SP-CEP 04126-000.
Impressão:
Vannucci Gráfica

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Martiniano Cavalcanti, Junia Gouveia, José Maria de Almeida, Valério Arcary e Carlos Bauer

EQUIPE DE EDIÇÃO
Mariúcha Fontana, Fernando Silva

P A R T I D O S *Itamar Franco, Quércia, Antônio Ermírio, Roberto Requião...*

Direção do PT mantém o vale-tudo eleitoral

Fernando Silva,
da redação

Lula com Brizola e Itamar em encontro recente

Desde a convenção do PMDB, quando foi derrotado o setor favorável ao lançamento de uma candidatura própria deste partido, a cúpula petista não tem feito outra coisa que não a busca – a qualquer preço – de uma frente ampla com setores e personalidades da burguesia, especialmente os "dissidentes" do PMDB. Na verdade, o ímpeto frentista vai além do PMDB e chega até a uma explícita tentativa de formar um programa com setores do grande empresariado. Primeiro, foi o seminário organizado do PT com a presença de Antonio Ermírio de Moraes. Agora, Lula fala em organizar um seminário em defesa da indústria nacional. Numa recente entrevista ao jornal *O Estado de S.Paulo*, Lula transformou Quércia e eventuais dissidentes do PFL (isso mesmo leitor, PFL) em meros e singelos eleitores, para justificar o quão natural seria o apoio destes à sua candidatura.

Um parenteses. Lula planeja também um debate com os ex-ministros da Saúde do governo FHC, Adib Jatene e Carlos Albuquerque. Enquanto o país caminha para uma epidemia de dengue, em meio a um brutal sucateamento da saúde pública, Lula quer debater com alguns dos responsáveis pelo atual estado de coisas. Para que? Serão estes também "dissidentes" capazes de produzir junto com a candidatura Lula um programa para a Saúde?

Direção petista deu rasteira na sua base e adiou Encontro

Uma das últimas peças desta operação política foi o encontro entre Lula, Itamar e Brizola. Na ocasião, Itamar Franco comprometeu-se a subir no palanque da oposição em atos contra o governo FHC enquanto ainda formalmente insiste na sua candidatura a presidente pelo PMDB até junho, quando haverá a convenção oficial. Depois disso, a conversa será ainda mais concreta. Um dos cenários possíveis é um apoio do próprio PT a Itamar caso este seja candidato ao governo de Minas Gerais.

Independente do desfecho desse namoro, o fato é que Lula busca um acordo com o ex-presidente que assumiu porque era o vice de Collor e que deu todas as condições para a violenta contra-ofensiva burguesa com o Plano Real e a candidatura FHC.

Para executar todas estas manobras, com relativa tranquilidade, a direção majoritária do PT não teve pudores em adiar o Encontro Nacional. A definição da candidatura Lula, o arco de alianças e o programa ficam para junho com a convenção oficial. Até lá, a direção petista terá o tempo suficiente para sacramentar os acordos que forem possíveis e resolver os problemas regionais onde há resistência à política de frente ampla em diversos setores do petismo. Vale destacar que essa monstruosidade burocrática também é inédita. Nas ocasiões anteriores (1989 e 1994), ao menos a direção majoritária do PT respeitava os fóruns do partido que dirige.

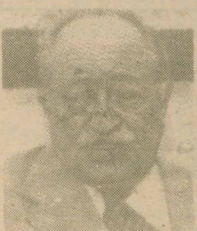
Hoje, nem o ativismo do movimento sindical, popular, sem-terra e estudantil, nenhum sindicato ou organização popular e nem mesmo a própria base petista têm o direito de interferir nas manobras de cúpula de Lula e Zé Dirceu.

É com este vale-tudo que a cúpula petista pretende levar a maioria da esquerda para o beco sem saída de uma frente eleitoral contra FHC, sem qualquer condição de resolver os problemas de fundo que atingem a maioria da população. Pela simples razão de que uma frente com Brizola, Arraes, Itamar, Quércia e com um programa com capitalistas como Antonio Ermírio não será de ruptura com o neoliberalismo. Por exemplo, o próprio Lula não conseguiu ainda explicar como vai compor um programa com Brizola em relação a reforma agrária já que este é contra as ocupações e a luta dos sem-terra.

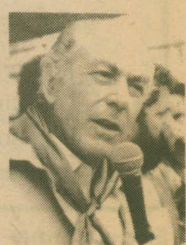
Com aliados como estes...

Antonio Ermírio. *Principal capitalista do país, dono do grupo Votorantim e da maior fortuna pessoal do país (R$ 5,1 bilhões). Apóia integralmente as privatizações (lutou com unhas e dentes para abocanhar a Vale do Rio Doce) e as reformas. Diverge do governo na política cambial e de juros. Demitiu 23 mil funcionários das suas empresas nos últimos 6 anos.*

Orestes Quércia. *Ex-governador de São Paulo (1986-1990). Uma espécie de Maluf do PMDB. Um ícone da corrupção dos governos estaduais paulistas recentes. Sob sua gestão a dívida do estado foi às alturas e o Banespa foi dilapidado. Arrocho salarial sobre o funcionalismo e os trabalhadores da Educação foi uma marca do seu governo.*

Itamar Franco. *Assumiu a presidência da República com o impeachment de Collor. Afinal, ele era o vice... Numa coisa Itamar tem razão: ele é o pai do Plano Real. Afinal foi sob seu governo que o plano foi lançado pelo então ministro da Fazenda, Fernando Henrique. Privatizou a CSN e pagou pontualmente a dívida externa.*

Miguel Arraes. *O "coronel" Arraes é um dos governadores dos Precatórios. Amigo dos usineiros, trata os trabalhadores com repressão. Durante a crise das polícias, mandou sequestrar o comando de greve da PM. Além do escândalo dos precatórios seu governo em Pernambuco ficou notabilizado pelo desastre nos serviços sociais.*

Leonel Brizola. *Já anda dispensando maiores apresentações. Recentemente abriu o jogo e declarou-se inimigo das ocupações de terras. Faz sentido, no sul, sua base social são os grandes proprietários de terra Sustentou Collor de Mello até as vésperas do impeachment. No seu partido entra qualquer um, até reacionários como Francisco Rossi, em São Paulo.*

POLÊMICA *Aliança com burgueses não defenderá reivindicações e ruptura com FMI*

Frente não serve para derrotar neoliberalismo

Fernando Silva,
da redação

O argumento chave utilizado pelo núcleo da direção petista e também pelo PCdoB é de que a frente ampla é uma necessidade para derrotar FHC e o neoliberalismo. Sem dúvida, derrotar FHC e seu projeto neoliberal é uma necessidade. Este governo é hoje o nosso principal inimigo, nisso estamos de acordo. Mas o problema é que uma frente ampla, com partidos burgueses, dissidentes de partidos governistas e até com grandes capitalistas não pode derrotar o neoliberalismo.

Que tipo de governo faria um frente com este caráter? Que tipo de governo faria uma frente, mesmo encabeçada por Lula, com inimigos declarados das ocupações de terra e da reforma agrária? Como avançar um milímetro no sentido da ruptura com o neoliberalismo numa frente com defensores declarados das privatizações e das reformas como é o caso do senhor Antônio Ermírio? Sobre este, a que acrescentar que além de ser o maior capitalista do país é também um dos grandes latifundiários, já que suas empresas, o Grupo Votorantim, são proprietárias de 497.566 mil hectares.

As mesmas perguntas estão colocadas para Brizola e o PSB, considerados por muitos como aliados de "esquerda" de Lula. Seja porque Brizola é abertamente contra uma reforma agrária, seja porque o governo Arraes em Pernambuco não fez nada que pudesse diferenciá-lo de um governo burguês típico nestes tempos de neoliberalismo, seja porque o PSB está se mostrando cada vez mais como uma legenda burguesa e em alguns casos, como em São Paulo, como uma sublegenda de Mário Covas.

E o pior é que o desastre não está apenas no futuro, ele já é presente. A política de frente ampla conspira contra a consciência e a organização dos trabalhadores. Alimenta nos trabalhadores a ilusão de que podemos resolver as mazelas sociais do capitalismo e conquistar nossas reivindicações aliando-se com setores da classe dominante. Imaginem a confusão que pode gerar em um trabalhador — que quer lutar contra o desemprego — ver Antônio Ermírio no palanque de Lula.

Não é a toa que o programa da candidatura Lula está cada vez mais desfigurado. Porque o preço que estes aliados cobram é muito caro. Quanto mais burgueses estiverem no palanque de Lula, mais distante das reivindicações operárias e populares este estará.

Portanto, um governo desta frente não será de ruptura com a ordem e sequer de defesa consequente das reivindicações, já que elas estão sendo retiradas do programa (para evitar certos "inconvenientes") e também porque esta frente nem em sonhos (ou pesadelos) colocará como estratégia a aliança dos trabalhadores e excluídos da cidade e do campo para derrotar o projeto neoliberal e romper com a ordem capitalista.

Eraldo Platz

Ato da campanha Lula em 1989

O QUE LULA DISSE

"Não vejo diferença entre o discurso da CUT e o de Antonio Ermírio em relação ao desemprego."

Lula, ao justificar um eventual apoio do principal capitalista do país.

"Somos agradecidos a todo apoio e em 74 toda a oposição ao regime militar votou no Quércia para senador."

Lula, ao justificar porque considera legítimo ter a companhia do ex-governador de São Paulo.

"Acho que Itamar deve concorrer à convenção oficial do PMDB, em junho, para ser candidato a presidente pelo PMDB. Mas, se ele não for candidato, o PT deve procurá-lo depois para discutir o apoio à nossa candidatura."

Lula namorando uma aliança com o ex-presidente, o pai do Plano Real.

"O PT de Pernambuco não pode pensar só em Pernambuco. Precisamos ter dimensão do projeto que queremos construir para o Brasil. O PT deveria seguir o exemplo da deputada Heloísa Helena em Alagoas. Em 1996, o Ronaldo Lessa foi nosso principal adversário. Mas, em nome de um projeto nacional e, para enfrentar a oligarquia, ela resolveu passar uma borracha e fazer aliança com o Lessa. Está certo, precisamos de palanques com densidade eleitoral nos Estados."

Por fim, Lula fala sobre sua política para os estados. Vale frente até onde tem amigos de Collor de Mello, que é o caso do vice da chapa de Alagoas. Todas as declarações no jornal *O Estado de S.Paulo*, em 12/3/98 e 22/3/98..

Era uma vez em São Bernardo...

Em 1979 quando ocorreram as grandes greves da classe operária do ABC que desafiaram a ditadura militar, nascia a consciência classista da classe trabalhadora brasileira. Nascia o PT e o ódio ao peleguismo sindical que quatro anos depois levou à fundação da CUT, nascia Lula como principal dirigente dos trabalhadores brasileiros. Não foi por acaso que nas eleições de 1982 o slogan do PT era: *"Trabalhador vota em trabalhador"*.

Este perfil consolidou-se nos anos 80 e teve seu apogeu na espetacular campanha presidencial de 89, quando esteve presente na consciência de milhões que os trabalhadores poderiam governar o país.

De lá para cá, esta perspectiva vem sendo traída. Hoje, a campanha Lula caminha para ser uma caricatura do que já significou em 1989. Sob a falsa ideologia de que o socialismo morreu e que não há como governar sem ampliar o arco de alianças com os setores "progressistas" e "modernos" da burguesia (a velha política colaboracionista do stalinismo sob o disfarce de "modernidade"); com um programa que não vai além de um capitalismo "social", "humano", com melhor distribuição de renda. A cúpula petista está jogando no lixo um patrimônio de 20 anos de uma das classes trabalhadoras que mais lutou e se organizou no continente: a sua consciência classista e independente.

É preciso insistir que a candidatura Lula – e um eventual governo com Lula a frente – só tem sentido se está a serviço da defesa intransigente das reivindicações dos trabalhadores, da mobilização e da estratégia de ruptura com a ordem capitalista.

A conclusão amarga, mas que precisa ser dita é que a candidatura Lula não serve mais como uma alternativa para os trabalhadores nesse sentido.

Mesmo conscientes de que somos um partido minoritário da esquerda brasileira, o PSTU coloca a sua candidatura operária a presidente a serviço de lutar para resgatar esse passado e, principalmente, está a serviço de apresentar uma nova alternativa capaz de credenciar-se na luta pela construção de uma aliança e uma estratégia classista e anticapitalista. (F.S.)

ESTADOS PSTU terá candidato operário a governador em São Paulo

Candidata do PT não fará oposição a Covas

Alex Fusco,
de São Paulo

A deputada federal Marta Suplicy será a candidata do PT em São Paulo. Diferente dos outros estados, o PT de São Paulo não se coliga com partidos burgueses. Porém Marta não vai além de um programa de centro-esquerda que, entre outras, não faz oposição ao governador do PSDB Mário Covas. A candidatura foi definida após Marta Suplicy derrotar nas prévias do PT o deputado estadual Renato Simões que era o candidato da esquerda do partido.

A completa descaracterização do passado classista do PT será a tônica da campanha de Marta Suplicy, basta ver a definição que ela mesma traça para seu perfil: *"Temos que pensar do indivíduo para as instituições e com isso as competências e responsabilidades do Estado em assegurar o bem estar e a condição de cidadania para todos/as. E é esse meu perfil: a humanização".*

Mesmo em relação a questões como o aborto legal e a união entre homossexuais, propostas positivas da atuação de Marta e que devem ser defendidas contra os ataques conservadores, são dissimuladas em nome de ganhar votos: *"Setores da igreja virão, quando perceberam que não sou o diabo louro".*

O programa que sai vitorioso é o de centro-esquerda: câmaras regionais como a do ABC, não reversão das privatizações feitas por Covas e declarações que indicam para onde vai sua campanha e o seu programa: *"a municipalização do ensino não é ruim em princípio, o problema é a forma autoritária que foi implantada".* Ou ainda: *"as privatizações têm aspectos positivos e o Banespa tem que ter gestão pública com participação do capital privado".* Todas estas declarações foram feitas durante debates com Renato Simões, antes das prévias.

Só é possível atender às reivindicações do povo atacando os empresários, latifundiários e banqueiros. A decorrência imediata disto é uma candidatura que combata pra valer Covas, Maluf e Rossi. Neste sentido Renato Simões era uma pré-candidatura que expressava uma resistência da esquerda do PT e que poderia unificar a vanguarda do estado numa campanha frontal de oposição ao projeto neoliberal.

Com a vitória de Marta Suplicy nas prévias petistas, o **PSTU** apresentará uma candidatura própria a governador para defender o programa classista. Um operário, Antonio Donizetti, o Toninho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, será o candidato do partido a governador. Valério Arcary, que foi candidato do partido a prefeito nas eleições de 1996, encabeçará a nossa chapa de candidatos a deputado federal.

Marlene Ferreira

Campanha classista do PT em São Paulo é coisa do passado

Enquanto isso, nos outros Estados...

Acre. O PT encabeça uma frente da qual participa, inclusive, o PSDB. O candidato ao governo é o ex-prefeito de Rio Branco Jorge Viana, do PT. Tal frente foi articulada entre o PT e o próprio FHC, contra Oleir Camelli, do PFL.

Amazonas. O PT, no Amazonas, integra uma Frente Ampla que inclui o PMDB, PSB, PCdoB e até o PSDB. O PT só tem candidatos a deputados enquanto Serafim Correa, do PSB, encabeça a frente e o candidato ao senado é o ex-governador Gilberto Mestrinho. O PSTU lançará candidatura própria.

Brasília. O PT lança mais uma vez o governador Cristovam Buarque que ganhou as prévias contra Lauro Campos com 82% dos votos. O candidato mais forte da burguesia é o ex-governador Joaquim Roriz do PMDB. O PSTU lançará a governador Orlando Cariello, ex-presidente da CUT/DF e do PT/DF que rompeu recentemente com o PT e filiou-se ao PSTU.

Ceará. O PT no estado se coliga ao PDT, PSB, PCdoB e dissidentes do PMDB. A candidatura burguesa mais forte é a do governador Tasso Jereissati (PSDB). O PSTU apresenta o operário Valdir Pereira (coordenador-geral do Sindicato dos Sapateiros) para governador e a trabalhadora rural Maria Jacinta (presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itaítinga e assentada do MST em Aracati) para vice. Para o Senado lança o operário da construção civil Raimundão (da executiva do Sindicato da Construção Civil). O PSTU também cedeu a legenda, em um acordo eleitoral, para o partido da ex-prefeita de Fortaleza, Maria Luiza Fontenelle.

Mato Grosso do Sul. O PT lança Zeca do PT em aliança com o PSB, PCdoB e PDT que no estado tem um perfil bem latifundiário. Para o Senado o candidato será o cacique latifundiário e ex-chefe da casa civil do governador Pedro Pedrossian.

Minas Gerais. O PT lança o ex-prefeito Patrus Ananias em coligação com o PSB, PCdoB e PDT. Há um debate no PT em torno do apoio a Itamar, caso este venha a ganhar a convenção do PMDB contra o ex-governador Newton Cardoso. O PSTU lançará candidatura própria.

ALAGOAS

PT faz aliança com empresários

Alexandre Barbosa,
de Maceió

Já está praticamente consolidada uma frente ampla de oposição no Estado de Alagoas que conta com o PSB, PT, PCdoB, PDT, PRP, PRONA, PMN, PPS e quem mais quiser participar. Sem nenhuma vergonha, a frente tem como candidato a vice-governador, Geraldo Sampaio, do PDT, conhecido empresário de tradicional família do interior alagoano, proprietário de uma concessão de televisão e defensor da retomada dos direitos políticos do ex-presidente Fernando Collor.

Em busca de votos, o PT e o PCdoB acabam de vez por jogar na lata do lixo toda a trajetória de participação nas lutas dos trabalhadores, e ainda mais quando buscam ampliar o seu leque de alianças negociando com o PPB de Maluf, liderados no estado pelo deputado e ex-governador Moacir Andrade. Para governador, a frente lança o ex-prefeito de Maceió pelo PSB, Ronaldo Lessa, que na sua prefeitura "socialista" administrou para os ricos e poderosos sem qualquer enfrentamento contra os ataques de FHC.

Diante da atual situação, o **PSTU** se prepara para lançar uma candidatura própria caso o PT e PCdoB continuem aliados com a burguesia e seus partidos. Continuaremos assim dando uma batalha no sentido de aglutinar a esquerda socialista que não se acomodou e que ainda acredita na força da mobilização como agente de transformação da sociedade.

E S T A D O S *Possível apoio do PT a populista do PDT revolta militância carioca*

É preciso construir frente classista no Rio

Luciana Araújo,
do Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro a política da direção nacional do PT vem causando muita revolta entre os militantes. A aliança imposta pela maioria da direção nacional do PT com Garotinho, do PDT, como parte do acordo nacional feito entre os dois partidos, é vista pela militância petista como a descaracterização total do maior partido da esquerda brasileira. Por isso, alguns setores à esquerda dentro do PT vêm tentando forçar via a convenção, que acontecerá no dia 26 de maio, a candidatura de Vladimir Palmeira como cabeça de chapa do PT.

A unidade com Garotinho, no Rio de Janeiro, vai significar o abandono total da luta de uma enorme parcela da classe trabalhadora que vem sofrendo brutais ataques do governo desses partidos. Durante seus dois mandatos na prefeitura de Campos (noroeste do Estado), os professores e servidores públicos em geral tiveram perdas de mais de 60% em seus salários. No último dia 30 de março, servidores públicos da cidade fizeram vários atos de protesto contra Garotinho. Eles reivindicavam reposição salarial de 49% e o prefeito pedetista oferecia em troca uma gratificação de R$ 43,00. Mesmo com a pressão da população, Garotinho se recusou a atender a reivindicação dos servidores, alegando falta de verbas no caixa da prefeitura. Os cofres da Prefeitura de Campos, no entanto, não estavam vazios para bancar o plebiscito realizado pelo prefeito para saber se a população aprovava sua saída da Prefeitura para concorrer ao governo do Estado.

Por tudo isso, nós do **PSTU** acreditamos que a candidatura de Vladimir Palmeira, sob os marcos de um programa anticapitalista e realmente comprometido com os interesses da classe trabalhadora, seria a melhor alternativa para a população e a esquerda carioca. Mas o principal compromisso de uma candidatura como esta deve ser o de não vacilar perante a tarefa de afirmar que a única alternativa é a ruptura com o capitalismo e a luta pelo socialismo. Só com um nome comprometido com essas tarefas, a verdadeira esquerda carioca poderia sair unida, com uma coligação de partidos como o PCdoB, PCB, **PSTU**, apoiada na CUT/RJ, no MST/RJ e no conjunto do movimento popular.

Declarações como a que Vladimir deu ao jornal *O Dia* (22/3/98) quando disse que "aceitaria até mesmo a apoio de FHC" se este se dispusesse a fazer campanha para sua candidatura são, ao nosso ver, equivocadas. O posicionamento de Vladimir sobre a aliança com o PDT em nível nacional também é bastante complicado. Segundo ele, desde que o PDT seja vice e não cabeça de chapa, tudo bem. Mas e o programa?

Embora o **PSTU** esteja empenhado na luta pela construção de uma frente classista no Rio de Janeiro, o **PSTU** não hesitará em lançar candidato próprio ao governo do Estado caso o PT termine por apoiar a candidatura de Garotinho, pois não vamos embarcar na canoa de uma frente burguesa como PDT.

André Telles

Esquerda do Rio não pode ficar a reboque do PDT

PERNAMBUCO

Rebelião contra Arraes

Em Pernambuco ocorre uma das principais crises, senão a principal crise, e enfrentamentos da base petista (e das correntes de esquerda) com a política de alianças da direção nacional do PT. Embora, como em todo lado, as correntes da esquerda petista não sejam contra as alianças nacionais com Brizola e com o próprio PSB, em Pernambuco elas não aceitam apoiar Arraes para a reeleição.

Ninguém sabe com segurança qual será o resultado da Convenção Estadual do PT, já que a posição contrária ao apoio à Arraes parte de uma situação de muito mais força no Estado. A luta e a crise no que toca ao apoio ou não do PT a Arraes está na rua, no movimento. Há discussões públicas (rádio, etc) entre Lula e dirigentes da esquerda. Por exemplo, os professores estaduais estão em greve e levantando *impeachment* de Arraes, toda a vanguarda está polarizada em defesa de uma candidatura própria do PT contra Arraes e também contra Jarbas Vasconcelos (aliança PMDB/PFL) que hoje é o franco favorito nas pesquisas para o governo do estado.

O **PSTU** está intervindo nessa briga e em defesa da candidatura própria do PT levantou publicamente o nome de Paulo Rubens (o nome mais forte da esquerda, hoje deputado) para governador numa frente classista. Essa política está pegando. Centenas de ativistas e militantes estão assinando um abaixo assinado pela candidatura de Paulo Rubens contra Arraes.

Enquanto isso, nos outros Estados...

Pará. O PT tem convenção no final de abril, onde vai decidir se apóia Ademir de Andrade do PSB a governador ou se lança candidatura própria, no caso a vice-prefeita de Belém, Ana Júlia. No estado, além do candidato do PSDB à reeleição, Almir Gabriel, é provável que concorra Jader Barbalho, do PMDB (atual líder nas pesquisas). O PSTU está apoiando a candidatura de Ana Júlia.

Paraná. Os principais candidatos no Paraná são o governador Jaime Lerner, ex-PDT, atual PFL, e Álvaro Dias, do PSDB. Roberto Requião, do PMDB, já se lançou com apoio do PCB e do PCdoB. O PT procura um acordo com o mesmo, mas haverá prévias entre dois pré-candidatos do partido: o deputado Nedson Michelet e a professora Milena Martinez.

Piauí. O PDT e o PCdoB resolveram apoiar Mão Santa, do PMDB. O PT que num primeiro momento, em aliança com o PSB, lançaria o professor Roberto John está acenando agora com uma aliança com o PSDB, que lançou Firmino Filho, prefeito de Terezina.

Rio Grande do Sul. O PT lança Olívio Dutra a governador, em aliança com o PSB, PCdoB e PDT (do ex-governador Alceu Collares). O candidato mais forte da burguesia e talvez o único será o governador Antonio Brito do PMDB. O PSTU terá candidato próprio.

Santa Catarina. O PT quer uma frente com o PSB, PCdoB, PPS e o PDT do atual secretário de finanças do governo estadual. Até o momento há uma indefinição quanto a participação do PDT na frente.

Sergipe. O PT deve apoiar ou Jackson Barreto, do PMDB ou Antonio Carlos Valadares, do PSB. A Frente no estado se dará entre PT, PSB. PMDB, PDT, PPS, PV e PCdoB. O PSTU lançará para governador a candidatura do petroleiro e dirigente sindical Rômulo.

"Queremos aglutinar a esquerda socialista"

Entrevista com o metalúrgico José Maria de Almeida, o Zé Maria, candidato do PSTU a presidente da República.

Opinião Socialista – Nas eleições presidenciais de 1994, o PSTU apoiou Lula e participou da Frente Brasil Popular. Por que agora o PSTU lança candidatura própria a presidente?

Zé Maria – Porque Lula e a direção do PT abandonaram a luta pelo projeto socialista para o país. A opção por um arco de alianças onde cabe inclusive Antônio Ermírio, além de Brizola e Arraes e o rebaixamento do programa para que este seja aceito pelos novos aliados, está levando Lula a abandonar bandeiras históricas da classe trabalhadora como a reforma agrária, o não pagamento da dívida externa entre outras.

> **"A minha candidatura é contra FHC e o seu projeto neoliberal"**

Opinião Socialista — Mas Lula e grande parte dos dirigentes do PT dizem que isso de bandeiras históricas é velho, que não dá mais para crescer só fazendo exigências...

Zé Maria – Eles de fato argumentam assim e por isso Lula chegou a conclusão de que é preciso um amplo arco de alianças para poder governar e construir um projeto para o Brasil que não seja "estreito" ou "arcaico". Mas isso é mais velho do que andar para frente. Lula resgata a política de colaboração de classes dos partidos comunistas, que levou o PCB a apoiar governos populistas antes do golpe de 64 aqui no Brasil. Isso é muito velho!

Novo no Brasil é parar de pagar a dívida e estancar a sangria anual de bilhões de dólares. Novo no Brasil é distribuir a terra e acabar com 500 anos de latifúndio. Novo no Brasil é estatizar o sistema financeiro e acabar com a especulação.

Lula está se adaptando à globalização capitalista. Estão abandonando o sonho socialista que motivou a construção do PT no início dos anos 80. Nós construímos o PT na época contra os Ermírios de Moraes da vida.

Opinião Socialista – Mas a candidatura do PSTU não divide a esquerda na luta contra FHC?

Zé Maria – Na luta contra FHC o que divide a esquerda é a adesão de Lula a setores tradicionais da burguesia. Por exemplo, Lula não fala em anular as privatizações ocorridas nestes anos, apesar de já ter ido para espaço a Vale do Rio Doce, o setor siderúrgico e várias empresas do setor elétrico entre outras. Por que isso? Para não irritar seus novos aliados como Antônio Ermírio que comprou várias estatais privatizadas e que lutou até o fim para abocanhar a Vale. Isso é o que divide a esquerda, não a nossa candidatura. Pelo contrário, a nossa candidatura veio com o objetivo de aglutinar toda a esquerda socialista e dar continuidade ao sonho que embalou a fundação do PT em 1980.

> **"Novo no Brasil é parar de pagar a dívida externa e distribuir a terra"**

Este não é um desafio do PSTU, é de toda a esquerda socialista que está na luta contra a reforma da previdência, contra as privatizações, é para os que estão na luta pela terra, por moradia, é para a juventude que está se rebelando contra o sucatamento da educação pública, e para os intelectuais que não aceitam a rejeição do marxismo e do projeto socialista. Nossa candidatura está a serviço de manter a luta pelo projeto socialista. Nesse sentido, chamamos a assumir este desafio, junto com o PSTU, toda a esquerda socialista inclusive a que hoje está dentro do PT.

Opinião Socialista – A sua candidatura então é contra o PT?

Zé Maria – Não, minha candidatura é contra FHC e o projeto neoliberal. Nossa diferenciação com Lula está em que a sua política e o seu programa não vão levar à derrota do projeto neoliberal. Porque não se derrota o neoliberalismo com remendos compensatórios, não se derrota o neoliberalismo sem romper com o FMI e o capital internacional.

João Zinclar

José Maria de Almeida

Opinião Socialista – Mas não é um pouco inviável uma candidatura de um partido minoritário no campo da esquerda sem possibilidades eleitorais numa eleição presidencial?

Zé Maria – A nossa candidatura não se prende ao processo eleitoral. Nós estamos pensando no futuro do nosso país. Nós queremos nas eleições alertar que as mazelas sociais vão continuar a crescer enquanto os trabalhadores não governarem com um projeto de ruptura com o Capital. Vamos aproveitar o nosso espaço para chamar os trabalhadores a se mobilizarem, a realizarem greves por suas reivindicações, a ocuparem terras para conquistar a reforma agrária, a ocuparem terrenos desses grandes especuladores imobiliários para conseguirem moradia. Pois é isso que acumula forças para as mudanças profundas que precisamos fazer no nosso país.

Opinião Socialista – Você até agora falou muito no projeto mas quais vão ser os principais pontos de programa da campanha do PSTU?

Zé Maria – Nós partimos do pressuposto de que não há como responder os problemas estruturais enquanto o correspondente a dois terços do Orçamento são consumidos no pagamento das dívidas externa e interna. Nós temos que parar de pagar a dívida externa e acabar com essa remuneração ao capital bancário e especulativo através da dívida interna.

Nós também vamos defender com força as reivindicações dos trabalhadores: a reforma agrária sem indenização para os latifundiários, o emprego através de medidas como a redução da jornada sem a redução de salários, a defesa da saúde e educação públicas. Vamos ainda defender a estatização do sistema financeiro para acabar com bandalheiras como o Proer, e propomos ainda a reestatização de todas as empresas privatizadas.

> **"O que divide a esquerda é Lula aderir a setores tradicionais da burguesia"**

Opinião Socialista – Como você vai responder ao preconceito de classe que surge toda vez que um operário é candidato a alguma coisa?

Zé Maria – Em primeiro lugar eu quero lamentar que Lula tenha respondido a esta pergunta na *Folha de S.Paulo* dizendo que está se esforçando para mudar. Outro dia ele disse na *Veja* que gostaria de ser rico e anônimo. Até nisso Lula e a direção do PT mudaram. Eu não tenho vergonha de ser metalúrgico e pobre porque foram os trabalhadores que construíram os principais fatos políticos dos últimos 20 anos neste país, incluindo a própria fundação do PT que foi uma senhora demonstração de que os trabalhadores são capacitados para interferir e dirigir os grandes assuntos nacionais. A propósito: há 500 anos que os letrados e doutores a serviço da classe dominante governam, e em que pé estamos? Para onde os grandes doutores da equipe econômica de FHC estão levando o país?

Vou responder dizendo que enquanto a letrada classe dominante continuar governando só vai haver pobreza, miséria e exclusão para a maioria. É só quando os trabalhadores e camponeses dirigirem o país é que a vida da maioria vai mudar para melhor.

> **"Nossa candidatura está a serviço de manter a luta pelo projeto socialista"**

Opinião Socialista – Como você vai responder a uma eventual tentativa de tentar caricaturar sua candidatura com slogans do tipo "último dinossauro socialista"?

Zé Maria – Existe um pequeno problema aqui para eles: o neoliberalismo e o capitalismo não resolveram os problemas que continuam a levar milhões ao desespero e a miséria. Vou querer saber onde estão os arautos da vitória final do capitalismo porque a crise asiática, a crise mexicana de três anos atrás, o desemprego na Europa demonstram que capitalismo e neoliberalismo é igual a exploração, exclusão social e se quiser traduzir em números podemos citar que é igual a 1 bilhão de pessoas que estão hoje abaixo da linha de pobreza vivendo com menos de um dólar por dia. Nunca a luta pelo socialismo esteve tão atual.

Opinião Socialista – Mas com o desmoronamento do leste europeu muitos dizem e vão dizer que o socialismo foi para o espaço, o que você dirá a respeito?

Zé Maria – Bom, eu quero dizer que o muro de Berlim não caiu sobre a cabeça dos que hoje estão no PSTU. Pelo contrário, nós somos parte de um movimento histórico que lutou incansavelmente contra o stalinismo e o modelo burocrático nos chamados países "socialistas". Porque aquilo não era socialismo. Controle do poder por uma burocracia, repressão sobre os trabalhadores, ausência de liberdade e de democracia operária não tem nada a ver com socialismo.

O socialismo que queremos é onde os trabalhadores dirigem, decidem e governam democraticamente através das instituições que eles mesmos construírem para exercer o poder. E isto é uma necessidade e um projeto urgente.

Uma trajetória de luta

José Maria de Almeida tem 40 anos, nasceu em Santa Albertina, interior de São Paulo, divisa com Minas Gerais. É operário metalúrgico desde os 13 anos de idade quando arrumou seu primeiro emprego numa fábrica em Santo André. Aqui vai um pouco da trajetória de luta que credenciou Zé Maria como um reconhecido dirigente da CUT nacional. Além disso, sua defesa intransigente de um projeto socialista durante os últimos 20 anos também o credenciou a ser o candidato do nosso partido às eleições presidenciais.

1975 – Zé Maria começa a atuar no movimento operário em Santo André ainda sob uma brutal ditadura militar no país.

1977 – Ainda sob a ditadura militar, durante a distribuição de um boletim sobre o 1º de maio, Zé Maria é preso pela primeira vez. Fica na prisão por 34 dias e é torturado.

1978 – Em maio, é um dos organizadores da greve da Cofap, em Santo André. Em agosto participa do encontro de fundação da Convergência Socialista, da qual já é então militante. Por conta disso, é preso novamente, desta vez, por 13 dias.

1979 – É membro do comando da campanha salarial dos metalúrgicos de Santo André, no ABC, e participa ativamente da 1ª greve geral da categoria.

1979 — Durante o Congresso dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, em Lins, Zé Maria como delegado do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, propõe a fundação de um Partido dos Trabalhadores.

1980 – É preso junto com Lula e outros 10 dirigentes metalúrgicos do ABC durante nova intervenção do Sindicato em função da greve geral da categoria. Foi processado pela Lei de Segurança Nacional e condenado, junto com Lula e os demais, a dois anos e meio de prisão. Mas a pena acabou sendo anulada.

Zé Maria e Lula em 1982

1980 — Zé Maria participa do Encontro de Fundação do Partido dos Trabalhadores, no colégio Sion em São Paulo.

1982 – É candidato a deputado estadual pelo PT em São Paulo.

1983 – É delegado no Congresso de fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

1984 – Não tendo mais como conseguir emprego no ABC paulista, muda-se para Minas Gerais.

1987 – É membro da diretoria eleita do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem. É também diretor da CUT/Minas Gerais.

Zé Maria durante greve da Manesmann em 1989

1988 – Eleito primeiro presidente da então recém-fundada Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais.

1989 – Participa como principal dirigente da greve com ocupação da Manesmann que durou 11dias em Belo Horizonte.

1990 – É candidato a deputado federal pelo PT em Minas Gerais

1991 – É pela primeira vez eleito membro da Executiva Nacional da CUT no seu 4º Congresso Nacional.

1992 – Junto com a Convergência Socialista é expulso do PT por diferenças políticas.

1994 – Participa do Congresso de fundação do PSTU e desde então é membro da sua direção nacional. No mesmo ano é eleito pela segunda vez para a Executiva Nacional da CUT no 5º Concut.

1995 – Como membro da direção da CUT participa diariamente da greve e do comando de greve nacional dos petroleiros, trabalhadores em estatais e servidores públicos federais.

Zé Maria em ato contra as reformas

1996 – Participa também ativamente da greve nacional do funcionalismo federal. É parte da direção de inúmeras manifestações de servidores e trabalhadores contra as reformas de FHC realizadas em Brasília. É um dos fundadores do Movimento por uma Tendência Socialista (MTS) na CUT.

1997 – Novamente é eleito membro da Executiva Nacional da CUT no 6º Concut e novamente está presente com destaque nas manifestações contra FHC e suas reformas.

"Queremos aglutinar a

Entrevista com o metalúrgico José Maria de Almeida, o Zé Maria, candidato do PSTU a presidente da República.

Opinião Socialista – Nas eleições presidenciais de 1994, o PSTU apoiou Lula e participou da Frente Brasil Popular. Por que agora o PSTU lança candidatura própria a presidente?

Zé Maria – Porque Lula e a direção do PT abandonaram a luta pelo projeto socialista para o país. A opção por um arco de alianças onde cabe inclusive Antônio Ermírio, além de Brizola e Arraes e o rebaixamento do programa para que este seja aceito pelos novos aliados, está levando Lula a abandonar bandeiras históricas da classe trabalhadora como a reforma agrária, o não pagamento da dívida externa entre outras.

> "A minha candidatura é contra FHC e o seu projeto neoliberal"

Opinião Socialista — Mas Lula e grande parte dos dirigentes do PT dizem que isso de bandeiras históricas é velho, que não dá mais para crescer só fazendo exigências...

Zé Maria – Eles de fato argumentam assim e por isso Lula chegou a conclusão de que é preciso um amplo arco de alianças para poder governar e construir um projeto para o Brasil que não seja "estreito" ou "arcaico". Mas isso é mais velho do que andar para frente. Lula resgata a política de colaboração de classes dos partidos comunistas, que levou o PCB a apoiar governos populistas antes do golpe de 64 aqui no Brasil. Isso é muito velho!

Novo no Brasil é parar de pagar a dívida e estancar a sangria anual de bilhões de dólares. Novo no Brasil é distribuir a terra e acabar com 500 anos de latifúndio. Novo no Brasil é estatizar o sistema financeiro e acabar com a especulação.

Lula está se adaptando à globalização capitalista. Estão abandonando o sonho socialista que motivou a construção do PT no início dos anos 80. Nós construímos o PT na época contra os Ermírios de Moraes da vida.

Opinião Socialista – Mas a candidatura do PSTU não divide a esquerda na luta contra FHC?

Zé Maria – Na luta contra FHC o que divide a esquerda é a adesão de Lula a setores tradicionais da burguesia. Por exemplo, Lula não fala em anular as privatizações ocorridas nestes anos, apesar de já ter ido para espaço a Vale do Rio Doce, o setor siderúrgico e várias empresas do setor elétrico entre outras. Por que isso? Para não irritar seus novos aliados como Antônio Ermírio que comprou várias estatais privatizadas e que lutou até o fim para abocanhar a Vale. Isso é o que divide a esquerda, não a nossa candidatura. Pelo contrário, a nossa candidatura veio com o objetivo de aglutinar toda a esquerda socialista e dar continuidade ao sonho que embalou a fundação do PT em 1980.

> "Novo no Brasil é parar de pagar a dívida externa e distribuir a terra"

Este não é um desafio do PSTU, é de toda a esquerda socialista que está na luta contra a reforma da previdência, contra as privatizações, é para os que estão na luta pela terra, por moradia, é para a juventude que está se rebelando contra o sucatamento da educação pública, e para os intelectuais que não aceitam a rejeição do marxismo e do projeto socialista. Nossa candidatura está a serviço de manter a luta pelo projeto socialista. Nesse sentido, chamamos a assumir este desafio, junto com o PSTU, toda a esquerda socialista inclusive a que hoje está dentro do PT.

Opinião Socialista – A sua candidatura então é contra o PT?

Zé Maria – Não, minha candidatura é contra FHC e o projeto neoliberal. Nossa diferenciação com Lula está em que a sua política e o seu programa não vão levar à derrota do projeto neoliberal. Porque não se derrota o neoliberalismo com remendos compensatórios, não se derrota o neoliberalismo sem romper com o FMI e o capital internacional.

Opinião Socialista – Mas não é um pouco inviável uma candidatura de um partido minoritário no campo da esquerda sem possibilidades eleitorais numa eleição presidencial?

Zé Maria – A nossa candidatura não se prende ao processo eleitoral. Nós estamos pensando no futuro do nosso país. Nós queremos nas eleições alertar que as mazelas sociais vão continuar a crescer enquanto os tra-

Uma trajetória de luta

José Maria de Almeida tem 40 anos, nasceu em Santa Albertina, interior de São Paulo, divisa com Minas Gerais. É operário metalúrgico desde os 13 anos de idade quando arrumou seu primeiro emprego numa fábrica em Santo André. Aqui vai um pouco da trajetória de luta que credenciou Zé Maria como um reconhecido dirigente da CUT nacional. Além disso, sua defesa intransigente de um projeto socialista durante os últimos 20 anos também o credenciou a ser o candidato do nosso partido às eleições presidenciais.

1975 – Zé Maria começa a atuar no movimento operário em Santo André ainda sob uma brutal ditadura militar no país.

1977 – Ainda sob a ditadura militar, durante a distribuição de um boletim sobre o 1º de maio, Zé Maria é preso pela primeira vez. Fica na prisão por 34 dias e é torturado.

1978 – Em maio, é um dos organizadores da greve da Cofap, em Santo André. Em agosto participa do encontro de fundação da Convergência Socialista, da qual já é então militante. Por conta disso, é preso novamente, desta vez, por 13 dias.

1979 – É membro do comando da campanha salarial dos metalúrgicos de Santo André, no ABC, e participa ativamente da 1º greve geral da categoria.

1979 — Durante o Congresso dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, em Lins, Zé Maria como delegado do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, propõe a fundação de um Partido dos Trabalhadores.

1980 – É preso junto com Lula e outros 10 dirigentes metalúrgicos do ABC durante nova intervenção do Sindicato em função da greve geral da categoria. Foi processado pela Lei de Segurança Nacional e condenado, junto com Lula e os demais, a dois anos e meio de prisão. Mas a pena acabou sendo anulada.

Zé Maria e Lula em 1982

1980 — Zé Maria participa do Encontro de

esquerda socialista"

João Zinclar

José Maria de Almeida

lhadores não governarem com m projeto de ruptura com o apital. Vamos aproveitar o nos- espaço para chamar os traba- adores a se mobilizarem, a ealizarem greves por suas rei- ndicações, a ocuparem terras ara conquistar a reforma agrá- a, a ocuparem terrenos desses randes especuladores imobili- ;rios para conseguirem mora- ia. Pois é isso que acumula orças para as mudanças profundas que precisamos fazer no nosso país.

Opinião Socialista – Você até agora falou muito no projeto mas quais vão ser os principais pontos de programa da campanha do PSTU?

Zé Maria – Nós partimos do pressuposto de que não há como responder os problemas estruturais enquanto o correspondente a dois terços do Orçamento são consumidos no pagamento das dívidas externa e interna. Nós temos que parar de pagar a dívida externa e acabar com essa remuneração ao capital bancário e especulativo através da dívida interna.

Nós também vamos defender com força as reivindicações dos trabalhadores: a reforma agrária sem indenização para os latifundiários, o emprego através de medidas como a redução da jornada sem a redução de salários, a defesa da saúde e educação públicas. Vamos ainda defender a estatização do sistema financeiro para acabar com bandalheiras como o Proer, e propomos ainda a reestatização de todas as empresas privatizadas.

> **"O que divide a esquerda é Lula aderir a setores tradicionais da burguesia"**

Opinião Socialista – Como você vai responder ao preconceito de classe que surge toda vez que um operário é candidato a alguma coisa?

Zé Maria – Em primeiro lugar eu quero lamentar que Lula tenha respondido a esta pergunta na *Folha de S.Paulo* dizendo que está se esforçando para mudar. Outro dia ele disse na *Veja* que gostaria de ser rico e anônimo. Até nisso Lula e a direção do PT mudaram. Eu não tenho vergonha de ser metalúrgico e pobre porque foram os trabalhadores que construíram os principais fatos políticos dos últimos 20 anos neste país, incluindo a própria fundação do PT que foi uma senhora demonstração de que os trabalhadores são capacitados para interferir e dirigir os grandes assuntos nacionais. A propósito: há 500 anos que os letrados e doutores a serviço da classe dominante governam, e em que pé estamos? Para onde os grandes doutores da equipe econômica de FHC estão levando o país?

> **"Nossa candidatura está a serviço de manter a luta pelo projeto socialista"**

Vou responder dizendo que enquanto a letrada classe dominante continuar governando só vai haver pobreza, miséria e exclusão para a maioria. É só quando os trabalhadores e camponeses dirigirem o país é que a vida da maioria vai mudar para melhor.

Opinião Socialista – Como você vai responder a uma eventual tentativa de tentar caricaturar sua candidatura com slogans do tipo "último dinossauro socialista"?

Zé Maria – Existe um pequeno problema aqui para eles: o neoliberalismo e o capitalismo não resolveram os problemas que continuam a levar milhões ao desespero e à miséria. Vou querer saber onde estão os arautos da vitória final do capitalismo porque a crise asiática, a crise mexicana de três anos atrás, o desemprego na Europa demonstram que capitalismo e neoliberalismo é igual a exploração, exclusão social e se quiser traduzir em números podemos citar que é igual a 1 bilhão de pessoas que estão hoje abaixo da linha de pobreza vivendo com menos de um dólar por dia. Nunca a luta pelo socialismo esteve tão atual.

Opinião Socialista – Mas com o desmoronamento do leste europeu muitos dizem e vão dizer que o socialismo foi para o espaço, o que você dirá a respeito?

Zé Maria – Bom, eu quero dizer que o muro de Berlim não caiu sobre a cabeça dos que hoje estão no PSTU. Pelo contrário, nós somos parte de um movimento histórico que lutou incansavelmente contra o stalinismo e o modelo burocrático nos chamados países "socialistas". Porque aquilo não era socialismo. Controle do poder por uma burocracia, repressão sobre os trabalhadores, ausência de liberdade e de democracia operária não tem nada a ver com socialismo.

O socialismo que queremos é onde os trabalhadores dirigem, decidem e governam democraticamente através das instituições que eles mesmos construírem para exercer o poder. E isto é uma necessidade e um projeto urgente.

---

undação do Partido dos Trabalhadores, no colégio ion em São Paulo.

1982 – É candidato a deputado estadual pelo PT m São Paulo.

1983 – É delegado no Congresso de fundação a Central Única dos Trabalhadores (CUT).

1984 – Não tendo mais como conseguir emprego no ABC paulista, muda-se para Minas Gerais.

1987 – É membro da diretoria eleita do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem. É também diretor da CUT/Minas Gerais.

Zé Maria durante greve da Manesmann em 1989

1988 – Eleito primeiro presidente da então recém-fundada Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais.

1989 – Participa como principal dirigente da greve com ocupação da Manesmann que durou 11dias em Belo Horizonte.

1990 – É candidato a deputado federal pelo PT em Minas Gerais

1991 – É pela primeira vez eleito membro da Executiva Nacional da CUT no seu 4º Congresso Nacional.

1992 – Junto com a Convergência Socialista é expulso do PT por diferenças políticas.

1994 – Participa do Congresso de fundação do PSTU e desde então é membro da sua direção nacional. No mesmo ano é eleito pela segunda vez para a Executiva Nacional da CUT no 5º Concut.

1995 – Como membro da direção da CUT participa diariamente da greve e do comando de greve nacional dos petroleiros, trabalhadores em estatais e servidores públicos federais.

Zé Maria em ato contra as reformas

1996 – Participa também ativamente da greve nacional do funcionalismo federal. É parte da direção de inúmeras manifestações de servidores e trabalhadores contra as reformas de FHC realizadas em Brasília. É um dos fundadores do Movimento por uma Tendência Socialista (MTS) na CUT.

1997 – Novamente é eleito membro da Executiva Nacional da CUT no 6º Concut e novamente está presente com destaque nas manifestações contra FHC e suas reformas.

PROGRAMA *Para acabar com desemprego é preciso tocar nos lucros do grande capital*

FHC faz demagogia eleitoral com emprego

Luiza Casteli,
da redação

Januario T. da Silva

O Brasil começou 1998 com um índice recorde de desemprego: em janeiro, 7,25% da população economicamente ativa estava fora do mercado de trabalho, segundo os dados oficiais do IBGE. Segundo o convênio Dieese-Seade, o índice de desemprego na região metropolitana de São Paulo, por exemplo, chegou a 16,6% em janeiro, ou 1,414 milhão de pessoas.

Preocupado com o reflexo que o desemprego pode ter nas eleições, o governo fez uma grande operação eleitoreira. Convocou uma reunião ministerial, anunciou medidas "emergenciais". O resultado concreto até agora é que o número de desempregados cresceu: 17,2% em São Paulo, no mês de março. Na verdade FHC não tem política concreta contra o desemprego porque sob a ótica do seu plano econômico e do neoliberalismo só pode ocorrer o que já está acontecendo: altos índices de desemprego na indústria, na agricultura (400 mil empregos foram para o espaço sob o Plano Real) e também no outrora badalado setor de serviços, que no mês de fevereiro fechou 16 mil postos de trabalho só na Grande São Paulo.

Portanto, no campo da esquerda não é novidade para ninguém que o combate contra o desemprego é uma das principais reivindicações dos trabalhadores. Lula, em recentes entrevistas, tem anunciado que o desemprego será uma das suas prioridades de campanha. O problema é que o programa da candidatura Lula para gerar empregos está construído sob a lógica do capitalismo com distribuição de renda que se traduz nas propostas de crescimento econômico ancorado nas exportações, nos superávits comerciais e com uma política industrial que incentive investimentos produtivos.

Crescimento econômico sob capitalismo não garante emprego

É espantoso. As fórmulas propostas por Lula já são ou já foram naturalmente adotadas por governos burgueses em diversos momentos e em diferentes países capitalistas. Aqui mesmo no Brasil, vivemos sob uma brutal recessão no começo dos anos 80 com uma política econômica voltada paras as exportações e com grandes superávits comerciais. Qual o problema? Os superávits eram usados para pagar a dívida externa e cumprir as famosas cartas de intenções que o governo militar na época assinava com o FMI.

O fim dos déficits não é nenhuma garantia de que haverá crescimento e geração de empregos. E não há no programa que a candidatura Lula está construindo nenhuma linha no sentido da ruptura com o FMI ou mesmo da suspensão do pagamento da dívida externa.

Também podemos citar inumeros países onde as taxas de crescimento econômico foram expressivas (Alemanha é um deles) e também são magnificamente expressivas as taxas de desemprego: a Alemanha, principal economia capitalista da Europa, tem hoje 12,6% da sua população ativa desempregada, mais de 4,5 milhões de pessoas.

Não há como resolver o problema do desemprego sem tocar nos lucros do capital e sem romper com a brutal remuneração do capital feita através do pagamento das dívidas externa e interna. Mas parece que isso não passa pela cabeça de Lula. O espantoso é que ele acredite na possibilidade de construir junto com Antônio Ermírio de Morais um programa de crescimento com consequente geração de empregos.

PSTU apresenta propostas contra desemprego

Um governo de esquerda, que queira governar para os trabalhadores, não pode omitir-se de apresentar um programa que tome medidas de fôlego contra o desemprego e que inevitavelmente não vão ser indolores, pois vão tocar nos lucros do grande capital.

O PSTU, através de suas candidaturas a presidente, governador, senadores e deputados, vai apresentar uma programa que parta de medidas como a redução da jornada de trabalho sem redução de salários. Se apenas esta medida fosse tomada já seria possível gerar centenas de milhares de empregos na indústria. Claro que isso vai contra lógica capitalista que não aceita diminuir seus lucros em troca de mais salários, benefícios, etc.

Mas há outras medidas para atacar o desemprego. Uma reforma agrária, com uma ampla distribuição de terras com crédito barato para financiar a produção, geraria milhões de empregos diretos e indiretos, e poderia ainda tirar da marginalidade milhões de pessoas que vivem nas favelas das grandes cidades.

Também se faz necessário, em caráter emergencial, um plano de obras públicas com investimentos maciços em obras de infra-estrutura, construção de escolas, hospitais e moradia que, além de gerar empregos, pode atacar de frente o colapso dos serviços públicos e sociais. É preciso também suspender a política de privatizações, reestatizar as privatizadas, devolvendo o emprego a milhares de trabalhadores qualificados que foram demitidos em nome do "enxugamento" (na verdade, do lucro rápido) como foi no caso da Light.

Não há como gerar recursos para cumprir este programa sem romper com o pagamento da dívida externa e com o pagamento dos juros da dívida interna.

É possível acabar com o desemprego no Brasil. Mas não há como enganar ou iludir os trabalhadores com a perspectiva de saídas em comum com o dono do grupo Votorantim ou em saídas pactuadas em fóruns, como o que gerou a famosa Câmara Setorial na indústria automobilística do ABC, que foi incapaz sequer de manter o nível de emprego dos metalúrgicos nos anos 90. Foi sim, capaz de garantir o aumento dos lucros das multinacionais do setor.

Terra para quem nela trabalha!

Wilson H. da Silva,
de São Paulo (SP)

No dia 26 de março, dois dirigentes do *Movimento dos Trabalhadores Sem Terra*, o MST, conhecidos como *Doutor* e *Fusquinha* foram brutalmente assassinados por um bando de fazendeiros e jagunços em Parauapebas, no sul do Pará. Seus verdadeiros nomes eram Valetim Serra e Onalício Araújo de Barros, ambos tinham pouco mais do que 30 anos e eram sobreviventes do massacre promovido pela polícia militar em Eldorado dos Carajás, há dois anos, no dia 17 de abril.

As mortes de *Fusquinha* e *Doutor* são os exemplos mais recentes daquilo que muita gente vem chamando de "guerra no campo" brasileiro, mas, na verdade, é uma espécie de guerra *contra* o campo que muitas vezes assume a feição de bárbaros massacres. Foi assim em Eldorado dos Carajás e em Corumbiara, e tem sido assim em muitos outros cantos de um país onde somente em 1995 um trabalhador rural foi assassinado a cada nove dias.

Esses assassinatos contam com a cumplicidade direta do governo, que na prática nada faz para por fim à impunidade dos crimes. E mais. Além de ter suas mãos sujas com o sangue de gente que nada mais faz do que lutar por um pedaço de terra, FHC e seus aliados são os principais responsáveis pela deterioração das condições de vida no campo.

Desde que o Plano Real começou a ser implementado, mais de 400 mil trabalhadores rurais perderam seus empregos. Se isso não bastasse, neste mesmo período, houve uma drástica queda da produção agrícola e uma redução da área plantada, o que levou à falência milhares de pequenos produtores.

O pior é que na mesma medida em que os trabalhadores e pequenos produtores perdem empregos e terra, os grandes proprietários estendem suas garras sobre o campo. Pouco mais de 85 mil grandes propriedades controlam 56,7% da área ocupada por imóveis, enquanto quase dois milhões de minifúndios ocupam apenas 7,9% da área.

Sedentos por lucros, a burguesia industrial brasileira tem se transformado, cada vez mais, em proprietária de terras, fazendo com que latifundiário e o empresário industrial sejam, hoje, uma única pessoa. Esse é o caso, por exemplo, de Antônio Ermínio de Moraes, proprietário da Votorantin, que possui nada menos do que 500 mil hectares de terra.

Levando suas "novas tecnologias" para a formação das chamadas agroindústrias, os latifundiários-capitalistas em muito contribuíram para o aumento do desemprego, além de terem formado uma multidão de trabalhadores "temporários", sem carteira assinada (65% do total), que vaga pelo campo brasileiro, em péssimas condições.

A Reforma Agrária tem um conteúdo anti-capitalista, é uma reivindicação das mais importantes do país e não poderá ser feita sem combater o sistema todo.

Sérgio Koei

Aliança com patrões impede Reforma Agrária

Hoje, quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), retoma um processo de ocupações em todo o país, o PSTU reafirma o seu apoio incondicional à esta luta e às ocupações e colocamos nossas candidaturas, nacionais e estaduais, a serviço de cada ocupação que esteja ocorrendo neste país.

Por isso mesmo, lamentamos profundamente que Lula tenha feito as alianças que fez e continua querendo fazer. Apesar de continuar dizendo que apoia o MST e suas lutas, Lula, tem como candidato a vice-presidente um latifundiário como Leonel Brizola que já se pronunciou "100% contra as invasões". Com esse tipo de aliados, verdadeiros inimigos do MST não será possível conquistar a Reforma Agrária.

O PSTU reafirma que no seu programa eleitoral estará a defesa da reforma agrária, com a expropriação do latifúndio, sem indenizações e sob controle dos trabalhadores.

PSTU tem vice camponês: José Galvão

José Galvão de Lima, o candidato a vice-presidente pelo PSTU tem muito a dizer sobre a questão agrária. Técnico agropecuário em extensão rural, desde 1977 está à frente da luta dos trabalhadores rurais do Pará.

Já foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Francisco do Pará, ajudou a organizar inúmeros sindicatos rurais em seu estado e hoje é secretário-geral da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Pará (Fetagri) e membro da Executiva da CUT-PA.

Fundador do PSTU, Galvão foi candidato a deputado estadual nas últimas eleições. Sempre presente nas lutas dos trabalhadores.

Paulinho Almeida

FHC quer acabar com ensino público no país

Euclides Agrella,
membro da Executiva da UNE

Mobilização dos estudantes em São Paulo no último dia 2

A aplicação dos planos neoliberais do governo FHC levou, em apenas quatro anos, a uma destruição sem precedentes das escolas e universidades públicas. FHC cortou do Orçamento da União de 1998 mais de R$ 993 milhões nos gastos dos ministérios das áreas sociais. No que diz despeito à Educação, isto significa de imediato um corte de 14,2%.

É neste marco que FHC e Paulo Renato, ministro da Educação, pretendem avançar com sua Reforma Educacional. Sua estratégia, ao desobrigar o Estado do financiamento da Educação Pública, é fazer com que esta seja assumida pela "sociedade civil" através da adoção – leia-se, responsabilização financeira – das escolas pela comunidade ou de parcerias com empresas privadas.

A municipalização do ensino básico com o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério é a forma encontrada para livrar o Estado da responsabilidade com a educação elementar. A obrigatoriedade dos municípios transferirem parte do que arrecadam para o fundo levou 13 cidades de São Paulo a cortarem parte dos seus investimentos em Educação.

Esta crise estende-se ao ensino de 2º grau, de responsabilidade dos estados. Há falta de professores devido às demissões ou à ausência de concursos públicos em todo o país. Só em São Paulo, o governo Mário Covas demitiu mais de 50 mil professores em quatro anos, fechou escolas e diminuiu a carga horária das aulas, aumentando a dos professores. A Reforma do Ensino Técnico é outra aberração do governo. O MEC separou a formação técnica do ensino de 2º grau e impôs o ensino modularizado. Esta situação levou ao rebaixamento da qualidade de ensino.

O governo FHC determinou, no início de 1997, a redução de 30% das verbas para universidades, o que pode levar à inviabilização das 52 instituições federais de ensino superior. Como se isso não bastasse, realizou cortes de 15% e 12,5% no fomento à pesquisa com o "pacotão" de novembro. Outro grave problema que afeta tanto as universidades federais como as estaduais é a falta de professores: a Reforma da Previdência levou milhares de docentes a se aposentarem.

A saída proposta pelo governo para a crise das universidades públicas é a sua transformação em "entidades administrativas autônomas de direito privado", desobrigando a União e os estados com o seu financiamento e acabando com a estabilidade dos professores e funcionários. Como se não bastasse, propõe ainda o pagamento de mensalidades para os estudantes de universidades públicas.

Na faculdades particulares a inadimplência chegou a 45%. Esta situação é agravada pelos cortes de verbas no Crédito Educativo, que não deverá receber nenhum novo financiamento este ano.

Emprego para a Juventude!

No Brasil, 50% da população tem menos de 25 anos. Temos 32 milhões de adolescentes, dos quais 13 milhões estão fora da escola e 11 milhões sobrevivem graças ao subemprego.

Segundo pesquisa realizada na região metropolitana de São Paulo pelo convênio Seade-Dieese, de 1985 a 1996 a taxa de desemprego entre os estudantes universitários cresceu de 10,5% para 16,5%. Para os recém formados ela subiu de 3,9% para 4,7%. Ou seja: 21,2% dos desempregados estavam cursando ou já tinham concluído o 3º grau.

Além de toda a dificuldade em conseguir emprego, o jovem que entra no mercado de trabalho tem que enfrentar todos os ataques feitos pelo governo FHC, como a jornada flexível, o contrato temporário e o fim da aposentadoria por tempo de serviço.

Diante disso, o PSTU acredita que faz parte da luta pelo emprego na juventude defender todas as conquistas sociais e trabalhistas da atual geração de trabalhadores, ameaçadas pelas reformas constitucionais: a garantia da aposentadoria por tempo de serviço, o contrato por tempo indeterminado e a carteira assinada para os trabalhadores.

Queremos estabilidade no emprego e redução da jornada de trabalho para 36 horas semanais para todo jovem em idade escolar, sem redução dos salários.

Os estágios devem ser remunerados, com piso salarial e garantia de direitos sociais iguais aos dos profissionais da área. Não aceitamos nenhuma diferenciação salarial por idade, sexo ou cor.

PSTU é contra a Reforma Educacional

Ao contrário do PT e do PCdoB, não acreditamos que seja possível reformar a Reforma Educacional, reivindicando, por exemplo, a democratização do Conselho Nacional de Educação, ou a apresentação de emendas "progressistas" ao Plano Nacional de Educação ou à PEC 370.

Por isso, o PSTU defenderá de forma intransigente:

— Revisão e fim da Reforma Educacional.

— Ensino público e gratuito para todos como um dever do Estado, através do aumento geral de vagas na rede pública, da construção de novas escolas e universidades e da estatização do ensino pago.

— Que nenhum tostão do orçamento da Educação seja destinado para subsidiar as parcerias escola-empresa ou as escolas particulares.

— Aplicação plena e direta de no mínimo 18% das verbas da União e 25% dos estados e municípios na Educação.

— Realização de concursos públicos para professores e funcionários em todos os níveis, bem como a defesa da estabilidade no emprego e de todas as conquistas dos docentes e servidores.

"Zé Maria é o candidato da juventude"

Lindberg Farias, deputado federal (PSTU-RJ)

"O programa neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, e em particular a aplicação da Reforma Educacional, tem um efeito devastador sobre a juventude brasileira.

O PSTU quer apresentar, uma saída socialista em contraposição ao futuro sombrio que o capitalismo reserva para as jovens gerações de trabalhadores.

Zé Maria é o candidato que vai defender o ensino público, gratuito e de qualidade, o emprego para a juventude, formação e boa remuneração de professores e mais verbas para pesquisa nas universidades"

PRIVATIZAÇÃO *Vale do Rio Doce foi vendida a preço de banana*

Venda de estatais é mamata do século

Mariana Chagas,
da redação

A propaganda do governo FHC diz que as privatizações vieram para melhorar os serviços que o Estado não garante e que as regras desse processo são transparentes. É a maior mentira da história recente da publicidade.

A privatização de estatais pelo governo federal não é mais que uma forma encontrada pelo governo e pelos empresários para doar ao grande capital o patrimônio público brasileiro. Para mostrar sua benevolência com os grandes capitalistas, o governo permitiu que as estatais fossem compradas com moedas podres, e com o preço muito abaixo do valor de mercado. Mas, como se isso não bastasse, o próprio governo, através do Banco de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), ainda garantiu financiamentos, a perder de vista, para que a compra pudesse ser efetivada.

De acordo com dados publicados no jornal *Folha de S. Paulo*, dos US$ 17,956 bilhões que o governo federal arrecadou com as privatizações, desde a era Collor, US$ 8.858 bilhões foram pagos com moedas podres (títulos desvalorizados da dívida pública).

Outra forma encontrada para ajudar o grande empresariado foi desvalorizar o máximo o valor das empresas. A Companhia Vale do Rio Doce — maior empresa de minério do mundo — tinha o preço mínimo fixado pelo governo US$ 10,3 bilhões, enquanto que a avaliação da empresa, feita através de consultorias, era de US$ 11,7 bilhões. Ao final a Companhia foi leiloada por R$ 3,3 bilhões.

O governo diz que não tem dinheiro para aumentar o salário do funcionalismo público. Mas faz a festa dos grandes grupos nacionais e internacionais interessados em comprar as estatais. Desde 1997, o banco já financiou R$ 2,93 bilhões nas operações de privatização de empresas estatais. Do total aplicado até agora, R$ 1,56 bilhão foram financiamentos diretos.

O BNDES, além de financiar os compradores garantiu também aos Estados a antecipação das receitas sobre a parte que eles receberiam com as privatizações das suas empresas. Já foram liberados para 15 Estados R$ 2,83 bilhões. Desse montante R$ 813,2 milhões foram destinados a São Paulo por conta da privatização da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), já realizada, e da Companhia Energética de São Paulo (Cesp).

Nesse esquema adotado pelo governo federal só os grandes empresários saíram ganhando e a população mais uma vez foi a grande prejudicada, pois para obter mais lucros as empresas estão sendo sucateadas por falta de investimentos em equipamentos e demissão de mão-de-obra especializada.

Light deixou Rio no escuro

No Rio de Janeiro, a Light (maior empresa de energia elétrica do estado), depois de privatizada, além de aumentar a tarifa da energia elétrica, ainda deixou a cidade várias vezes no escuro. A população fez várias manifestações de protesto, obrigando a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) a multar a empresa em R$ 2,016 milhões "por queda na qualidade dos serviços". A multa, no entanto, não foi paga até agora.

Para acalmar os ânimos, a direção da empresa já anunciou investimentos em equipamentos. Para isso vai contar mais uma vez com a colaboração do governo FHC que emprestará R$ 730 milhões para a Light este ano. (M.C.)

Privatizações elevam o desemprego

Para "enxugar a máquina" e obter o lucro máximo, as empresas não pensaram duas vezes e saíram demitindo milhares de empregados. Com a privatização, na Acesita as demissões atingiram 67% dos funcionários. Isso, no entanto, não significa queda na produtividade. Pelo contrário, a empresa obriga os funcionários a aumentarem o ritmo de trabalho, levando a superexploração dos empregados mantidos na folha de pagamento.

O efeito bola de neve continuou em outras empresas privatizadas. A Companhia Vale do Rio Doce reduziu em cerca de um terço o número de funcionários. Antes da privatização a empresa tinha 15.142 empregados. No mês passado, esse número foi reduzido para 10.466. Na Light, o número de funcionários foi reduzido de 11 mil para 6.700.

Com esse programa de privatização, o governo federal já passou 56 empresas para as mãos da iniciativa privada e retirou 148 mil trabalhadores de sua folha de pagamento. **(M.C.)**

◆ *Demissões com a privatização*

Empresa	%
Acesita	67 %
Banco Meridional	40 %
Companhia Siderúrgica de Tubarão	39 %
Usiminas	33 %
Vale do Rio Doce	28 %

Reestatizar sim!

O PSTU é contra a entrega do patrimônio público ao grande capital. O programa do partido defende que as estatais ainda não privatizadas continuem nas mãos do Estado, com isso os empregos seriam garantidos e a prestação de serviços teria como alvo principal a população, e não os grandes lucros.

A Rede Ferroviária Federal e a Light são exemplos concretos de que a lógica do lucro não beneficia a maioria da população: os serviços pioraram, tarifas ficaram mais caras, milhares foram demitidos e os caras-de-pau que compraram estas empresas estão agora pedindo dinheiro do governo para "melhorar os serviços".

Controle dos trabalhadores

Para acabar com a farra dos grandes empresários com o patrimônio público, o PSTU quer a reestatização de todas as empresas privatizadas, sob controle dos trabalhadores.

O PSTU acredita também que é preciso que essa política de reestatização seja acompanhada pelos trabalhadores que devem investigar e punir a corrupção e os desmandos dos empresários.

É inadmissível que Lula não cogite rever e anular esta verdadeira operação de larápios que foi o programa de privatizações nos últimos anos.

O governo FHC deu passos importantes na liquidação completa do parque estatal nacional a ponto de até as reservas de petróleo estarem sob a ameaça de irem para as mãos de um punhado de multinacionais. É preciso reverter essa lógica e por isso a candidatura do PSTU estará a serviço também de lutar pela suspensão do processo de privatizações e pela anulação das privatizações já realizadas.

Arquivo

Esta sangria tem que acabar

Bernardo Cerdeira,
da redação

Dívida externa continua sendo uma das principais formas pelas quais o grande capital imperialista suga recursos de nosso país e dos países dependentes em geral. A dívida está no fundo do problema do aumento dos juros e portanto da dívida interna e também do déficit público, que está intimamente relacionado com o sucateamento do Ensino e da Saúde, com o congelamento salarial dos funcionários público. Ou seja, somos nós, a maioria absoluta do povo brasileiro, que estamos pagando esta dívida.

A dívida externa do Brasil passou de 148,3 bilhões em 1994 para 178,2 bilhões em 1997. O setor público devia US$ 89,8 bilhões em junho de 1995. A dívida caiu para US$ 88,4 bilhões em setembro de 1997 porque o setor público pagou parte dos compromissos vencidos.

Capital estrangeiro faz a festa no Brasil com aval do governo

E a dívida só faz aumentar. Peguemos um exemplo: o déficit em conta corrente, que mede o resultado líquido da conta comercial (exportações menos importações) de serviços (juros, remessas de lucros, fretes etc.) e as transferências unilaterais - remessas e ingressos de dinheiro sem contrapartida em mercadorias ou serviços. Em 1997, o buraco ficou em US$ 33,4 bilhões, pelos números revisados do BC. O crescimento acelerado é resultado da excessiva e artificial valorização do real diante das outras moedas principalmente o dólar.

Mas agora o elemento mais grave da dívida é que uma parte significativa do capital que entra está composta por um capital "voador", ou seja o capital multinacional que entra no país atraído pela altíssima taxa de juros ou pela possibilidade de investir em ações, lucra uma barbaridade e "levanta vôo" quando quer, muitas vezes deixando o país à beira do caos econômico e financeiro. Tudo indica que as crises do México e da Ásia são o futuro do Brasil.

Para ver como essa entrada de capitais especulativos é maciça, é só ver, por exemplo, o total aplicado em ações em 1997 - US$ 36 bilhões (11,3 bilhões a mais do que em 1996).

Outro aspecto é a dívida de curto prazo. O BC estima esta dívida em US$ 35,4 bilhões no ano passado, 18,4% da dívida total de US$ 192 bilhões.

As necessidades de financiamento do Brasil no ano passado foram de US$ 83,6 bilhões. Essas necessidades foram cobertas pelo ingresso de diferentes tipos de capitais, num total de US$ 76,2 bilhões. Mas, apesar de todos esses dólares, as reservas cambiais caíram US$ 7,9 bilhões.

Quem faz essa diferença final é o movimento dos capitais de curto prazo que saem, basicamente, por meio do mercado de câmbio flutuante. O mercado estima que o flutuante perdeu US$ 23,6 bilhões no ano passado.

O câmbio flutuante engloba várias contas, do cartão de crédito gasto no exterior ao turismo. O grosso de sua movimentação, contudo, são as aplicações externas de curto prazo no Brasil, e o dinheiro de brasileiros que é remetido para o exterior.

O comportamento dos capitais de curto prazo e das remessas de brasileiros quando houve a crise, deixam claro que o que o país pode perder rapidamente com uma crise externa vai muito além da dívida de curto prazo.

Todos os agiotas internacionais, os grandes bancos e multinacionais, os especuladores, levam todos os anos bilhões de dólares do Brasil em juros, taxas, remessas de lucro, etc. Todo ano o povo paga o que deveria ser a amortização de parte da dívida. Mas a dívida cada vez aumenta mais. Esta é a forma que o grande capital multinacional encontrou para sugar nosso trabalho e nossos recursos. Portanto o direito e a moral justificam mil vezes deixar de pagar.

Mas o principal é que não pagar é questão de vida ou morte para o povo brasileiro. É a forma de evitar que o Brasil seja uma nova Indonésia e se afunde numa crise.

É a forma de garantir novos recursos para o país e emprego, educação e saúde para o povo trabalhador. Por isso não aceitamos que o PT tenha abandonado essa bandeira histórica da CUT e do movimento popular no Brasil e vamos sustentá-la bem alto nesta campanha eleitoral.

Cesar Augusto

Dívida externa traz mais miséria para o povo

O que pode ser feito com o dinheiro da dívida?

Somente deixando de pagar o dinheiro empregado em amortizações da dívida em 1997, US$ 28,7 bilhões de dólares segundo o BC, poderiam ser tomadas, por exemplo, as seguintes medidas em favor dos trabalhadores e do povo:

— Construir 956.666 casas populares (a R$ 30 mil cada). Em 7 anos se poderia resolver o déficit de moradia do país ou então...

— Criar 3 milhões de empregos com salário de R$ 800 por mês ou...

— Garantir uma renda mínima de R$ 200 por mês para 12 milhões de trabalhadores, sem-terra e outros que recebem menos de um salário-mínimo.

Você sabia...?

Que a necessidade de recursos externos do Brasil (que é a soma do déficit em conta corrente, das amortizações e da perda de reservas) no ano passado, calculada pelo economista Octávio de Barros, chegou a US$ 83,6 bilhões ? Esse é o volume de dólares que seria necessário se o país quisesse ter fechado suas contas sem perder reservas cambiais. Equivale a 10,4% do PIB, que ficou em US$ 806 bilhões em 19 97 nas estimativas do Banco Central.

Que só o montante do pagamento de juros em 1997 foi de US$ 10,6 bilhões o que correspondeu a 31% do déficit total em transações correntes?

Que nenhum item importante nos gastos externos brasileiros no ano passado cresceu tanto quanto as remessas de lucros e dividendos das empresas multinacionais para as matrizes? Elas chegaram ao recorde de US$ 6,608 bilhões, em termos brutos, um salto de 69% em comparação com o ano anterior e de 217% em relação a 93, o ano anterior ao Plano Real.

Que entre 1990 e 1996, a América Latina cresceu a 3% ao ano, contra 5,5% no período que foi de 1945 a 1980 ?

Que os países da América Latina gastam em média 2,6% do seu Produto Interno Bruto para pagar a dívida externa e que em dez países, essa carga foi a 3,8% do PIB, chegando a superar os gastos públicos com educação e saúde?

MARXISMO Capitalismo aprofunda a miséria dos povos

O socialismo está na ordem do dia

Bernardo Cerdeira,
da redação

Desde a queda dos regimes stalinistas do Leste europeu em 1989 e 1990, existe uma intensa campanha mundial, veiculada pelos órgãos de comunicação internacionais que todos os dias insistem na vitória do capitalismo que neste fim de milênio teria afirmado uma superioridade "indiscutível" sobre o suposto cadáver do socialismo.

O que significa esta vitória do capitalismo? Para toda a humanidade, fora um punhado de multimilionários, o capitalismo neoliberal significa:

A destruição de postos de trabalho e ameaça permanente de um desemprego estrutural que só nos países ricos atinge 35 milhões de trabalhadores e na China mais de 150 milhões de trabalhadores.

A exploração brutal do trabalho infantil que só no Brasil obriga 12 milhões de crianças a trabalhar para não morrerem de fome.

A miséria permanente para um quinto da população do planeta que vive com menos de 1 dólar por dia, segundo a OMS.

A fome para 960 milhões de indivíduos que não podem consumir o mínimo de calorias para viver.

A escravidão para milhões de mulheres e crianças que são vendidas na Ásia, na África e também no Brasil, onde são obrigados a trabalhar em fazendas sob a ameaça de pistoleiros.

As guerras, disseminadas em todo o planeta, que muitas vezes se transformam em genocídios: Ruanda, 1 milhão de mortos; Bósnia, 270 mil mortos; Argélia, 60 mil mortos...E uma longa lista.

Arquivo

A crise econômica na Ásia, antiga vitrine mostrada como exemplo pelos porta-vozes dos grandes governos imperialistas, mostrou a verdadeira face do futuro que nos espera se o neoliberalismo, a expressão mais crua do capitalismo imperialista, impuser livremente seus ditames. Um futuro de crises econômicas, miséria crescente e guerras.

Não há outra opção. O Socialismo é a única alternativa diante da barbárie capitalista.

Mas o que é o Socialismo para o **PSTU**? Certamente não é o sistema nem os regimes políticos ditatoriais que existiam na ex-URSS, no Leste Europeu, na China e em outros países. A principal corrente histórica que formou nosso partido sempre denunciou estes regimes como ditaduras de uma burocracia que utilizava métodos brutais de repressão contra os trabalhadores para garantir seus privilégios materiais; que utilizava as conquistas da Revolução russa, chinesa, cubana e outras em seu próprio benefício e terminou por restaurar o capitalismo. O sistema capitalista imperialista não pode ser reformado nem melhorado para o bem dos trabalhadores e dos povos do mundo. O socialismo mundial significa em primeiro lugar a expropriação das multinacionais, dos bancos e dos grandes latifúndios para torná-los propriedade social, coletiva, voltada para atender as necessidades da maioria absoluta da humanidade.

Um mundo sem fronteiras

Socialismo é um mundo realmente sem fronteiras. Hoje quando se fala cada vez mais em blocos, uniões e acordos comerciais, fica claro que não há fronteiras para o capital mas sim para o trabalho. A superexploração, discriminação e repressão aos trabalhadores imigrantes na Europa, nos Estados Unidos é uma demonstração evidente deste fato. O Socialismo, ao eliminar as fronteiras nacionais permitirá centralizar todos os recursos mundiais para acabar com as desigualdades entre países ricos e pobres, explorados e exploradores.

Socialismo é também um mundo sem armas. No mundo atual, apesar do fim da Guerra Fria, são gastos anualmente centenas de bilhões de dólares em armamentos consumidos em guerras crescentes em todos os continentes. Socialismo significa voltar esses recursos para resolver os problemas mais urgentes da maioria da população mundial.

Socialismo é o respeito às nacionalidades e o fim de toda a opressão. Hoje a maioria absoluta das guerras se dão contra nacionalidades oprimidas como os palestinos, os bósnios, os albaneses do Kosovo, os curdos, os tamiles no Sri Lanka, os chechenos, os povos indígenas de Chiapas e muitos outros. São a outra forma que assume a exploração do capitalismo como também o são a discriminação racial e sexual e a opressão contra as mulheres. Não haverá socialismo sem a eliminação destas chagas.

Um governo dos trabalhadores será a mais alta expressão da democracia para os trabalhadores e para todo o povo. O socialismo só será uma realidade se os trabalhadores e os povos do mundo tomarem em suas mãos os governos de todos os países. (B.C.)

NEGROS

Capitalismo e racismo andam juntos

Wilson H. da Silva,
da redação

Em relação a negros e negras, a discriminação racial sempre andou par e passo com a exploração de classe. Basta dizer que no Brasil, em 1994, enquanto um homem branco ganhava em média 6,3 salários mínimos e uma mulher branca 3,6 salários mínimos, um homem negro não passava de 2,9 salários e uma mulher negra (numa escandalosa combinação de machismo e racismo) recebia em média 1,7 salário mínimo.

Por isso nos causa espanto que, apoiados em pequenos avanços que estão dando maior visibilidade aos negros e negras de classe média (como o espaço ganho em páginas de revistas e nas telas da TV), setores inteiros do movimento negro e da esquerda tenham aderido a teses como a do "negro cidadão", do negro que tenha um tratamento mais humano no capitalismo.

Raça e classe

Isso é um engano fatal. No Brasil, como em todo o mundo a exploração de classe se combina com a opressão racial e a única forma de acabar com uma é lutando, sem tréguas, contra outra. Como já dizia Malcolm X "não há capitalismo sem racismo". É por isso que a proposta do PSTU é organizar os negros com Raça e Classe, num combate conjunto, ombro a ombro com os trabalhadores, lutando para que estes incluam em seu cotidiano a luta contra a opressão racial.

Contra a opressão sexual

E como não só os negros e negras são oprimidos nesta sociedade, estendemos a mesma proposta em relação a gays e lésbicas. Apesar da opressão sexual ter uma dinâmica completamente diferente da racial, também é um fato que a burguesia se utiliza do puro preconceito para marginalizar os homossexuais, deixar impune os milhares de atos de violência que são cometidos contra eles e jogá-los para fora dos locais de trabalho e de estudo. Também neste caso, não temos dúvida. Somente com a conquista de uma sociedade que respeite o direito à diferença e que possbilite a igualdade social e econômica, gays e lésbicas poderão viver livremente e com dignidade.

Essa campanha depende de você

Nós queremos discutir um minuto com você, caro leitor. Você pode ter uma participação decisiva e muito importante para ajudar o **PSTU** a manter a campanha de um candidato a presidente da República.

Já está em plena marcha a campanha eleitoral deste ano e a burguesia volta a utilizar os métodos que todos nós conhecemos. O governo usa a máquina do Estado para garantir o apoio para a reeleição de FHC, gastando bilhões de reais para favorecer banqueiros, latifundiários e grandes industriais. As grandes empresas retribuem investindo uma parte de seus lucros na campanha eleitoral de FHC e dos partidos burgueses sempre a espera de retribuições depois das eleições.

O PT, infelizmente, incorporou uma parte destes métodos. Na campanha presidencial de 1994, foi revelado que grandes empresas como a Odebrecht e o banco Itaú financiaram também o PT. E o pior é que a direção do PT assumiu e defende esta prática, negando tudo aquilo que criticávamos juntos no passado. Podem assim conseguir mais recursos para as eleições, mas terminam entrando na política suja que existe neste país.

É possível ser diferente

A nossa campanha eleitoral é diferente, e nossas finanças também. A nossa campanha estará a serviço das lutas dos trabalhadores e da juventude. Acreditamos que são estes mesmos trabalhadores e jovens que devem financiar a nossa campanha. Nós não temos e não queremos apoio das grandes empresas, porque nosso compromisso é lutar contra o seu poder político.

O nosso partido é diferente, porque não é feito por aqueles que "querem se arrumar" com a política. Os parlamentares que elegermos vão ganhar de salário o mesmo que ganhavam antes como trabalhadores, destinando o restante do dinheiro ao apoio às lutas e à construção do nosso partido.

Ajude a nossa campanha financeira!

Mas só podemos tornar isto possível se os que acreditam nestas idéias nos ajudarem. Sem dinheiro não se pode fazer uma grande campanha eleitoral de oposição pra valer a FHC e seu projeto neoliberal, de defesa das reivindicações e de um projeto socialista. E esta contribuição só pode vir dos trabalhadores e estudantes que se solidarizam com nossas idéias. Você pode ajudar, assumindo um papel ativo nesta batalha. Junto a um militante do **PSTU** consiga um talão de contribuições financeiras e passe-o em sua empresa, seu bairro, sua família.

Um talão contém 10 contribuições, cada uma de 5 reais. Pense em todos aqueles que apoiam de alguma maneira a sua luta no sindicato, na entidade estudantil. Existem bem mais de 10 pessoas entre seus colegas de trabalho, entre os vizinhos ou entre seus parentes que podem contribuir.

Candidatos dão o exemplo

Nossos candidatos são trabalhadores e jovens como você e também estão buscando estas mesmas contribuições.

José Maria de Almeida, nosso candidato a presidente já se comprometeu a conseguir 200 contribuições. Joaquim Magalhães (que pode ser o nosso candidato a governador em Pernambuco caso o PT apóie Arraes) vai conseguir 240 contribuições para a campanha. Ciro Garcia, outro possível candidato nosso no Rio de Janeiro, também vai atrás de 200 contribuições. Raimundão, nosso pré-candidato a senador no Ceará, se propôs a conseguir 150.

Você também pode ajudar a nossa campanha financeira apoiando o candidato que você conhece, da sua região, da sua categoria ou da sua universidade. Integre-se na campanha assumindo um talão de contribuições. Ajude a tornar possível uma verdadeira campanha de esquerda no país em 1998.

Wladimir Souza

PSTU
jornal Quinzenal

Endereço:
Rua Jorge Tibiriçá, 238
Saúde - São Paulo
CEP 04126-000

PORTE PAGO
DR/SP
PRT/SP 7168/92